

Notas para uma reflexão sobre as “teorias da conspiração”

Notes on a reflection on “conspiracy theories”

Rafael Antunes Almeida



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5615>

DOI: [10.4000/pontourbe.5615](https://doi.org/10.4000/pontourbe.5615)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Rafael Antunes Almeida, « Notas para uma reflexão sobre as “teorias da conspiração” », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 02 maio 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5615> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.5615>

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 maio 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Notas para uma reflexão sobre as “teorias da conspiração”¹

Notes on a reflection on “conspiracy theories”

Rafael Antunes Almeida

1 Permitam-me começar com um conjunto de pequenas vinhetas etnográficas. Digo vinhetas porque o material em questão não pode ser tratado do mesmo modo como recorrentemente fazemos com as anedotas, especialmente depois que Clifford fez uma aberta crítica a este procedimento estilístico e epistemológico. Segundo o autor a anedota “não é senão um pressuposto de conexão que permite ao escritor funcionar em sua análise subsequente como um exegeta” (Clifford 2008:40) As vinhetas, por seu turno, embora sirvam também de introito, não têm em si contidas o desejo de sumariar nada. Conforme nos explicam Annemarie Mol e John Law, os casos assim apresentados não funcionam como os “casos exemplares”, “... como se fossem representativos de uma lei geral”. (Law;Mol 2002:15). Em contraste com as anedotas – que já congregam toda a explicação –, eles podem articular-se em uma espécie de composição que o autor controla de modo muito precário. Isto posto, o que farei depois de arranjá-las é adicionar uma vinheta final colocando alguns problemas associados às teorias da conspiração.

2 *

3 Em 2011, durante um encontro ufológico em Peruíbe-SP, estavam entre os convidados especialistas em agrolifos – desenhos extraterrestres em plantações – , em assuntos ligados ao “governo oculto” e indivíduos associados ao tema dos discos voadores com diferentes entradas no assunto. Juntamente com eles apresentou-se James Carrion, ufólogo americano e ex-presidente da Mutual UFO Network, a principal organização do gênero nos Estados Unidos.

4 A palestra, como é comum nos meios ufológicos, desenhou-se ao modo de uma apresentação massiva de casos, uma verdadeira profusão de exemplos centrados na figura dos “homens de preto”, indivíduos misteriosos que, conforme apresentou Carrion, se valem de um número muito grande de técnicas para promover o

acobertamento de informações relativas aos extraterrestres, que vão desde o uso de contrainformação até o emprego da violência física, tudo com o intuito de fazerem desaparecer possíveis informantes. Ainda assegurou-nos que os homens de preto tinham meios de intimidação psicológicos que promoveriam a redução das testemunhas a estados paranóicos e que também manejavam bem a arte de criar situações falsas, as quais frequentemente conduziam estudiosos da ufologia a serem enganados com pistas que nunca os levariam a solucionar os seus casos. Eram, portanto, um tipo particular de agentes de contrainformação.

- 5 Entre os tantos eventos narrados, o caso mais singular foi a intervenção de um bilionário norte-americano de nome Robert Bigalow nos assuntos envolvendo extraterrestres. Bigalow, segundo Carrion, seria o proprietário de uma rede de hotéis e teria feito fortuna a partir das enormes propriedades. Contudo, os seus negócios extrapolavam o campo hoteleiro e o bilionário estaria interessado também no turismo espacial. Assim, depois de várias tentativas de lançar um balão espacial com uma cápsula para visitantes, Bigalow resolveu procurar os ufólogos, pois viu neles a oportunidade de encontrar “meios extraterrestres” para realizar o seu objetivo. Afinal de contas, se alguém tivesse alguma tecnologia alienígena disponível na forma de destroços e objetos deixados pelos alegados “visitantes”, estes seriam os ufólogos.
- 6 Com base nesta suposição, o empresário contactou a Mutual UFO Network, convidou o comitê diretor para uma reunião e lhes ofereceu seiscentos mil dólares de financiamento para a investigação ufológica. Carrion, à época diretor da MUFON, questionou a origem do dinheiro em uma nova reunião, mas foi dissuadido pelos outros membros do comitê diretor a não recusar a oferta. Neste contexto, deixou a presidência da organização e alimentou a desconfiança da associação entre alguns dos membros da MUFON e os “homens de preto”.
- 7 Carrion intuiu que Bigalow, a MUFON e o governo americano fossem parte de uma organização de inteligência que teria entre os seus objetivos o acobertamento de informações envolvendo extraterrestres. Tratava-se de uma história estranha e lembro que na época achei pouco provável que um bilionário americano tivesse procurado ufólogos para conseguir peças de possíveis aeronaves extraterrestres despedaçadas.
- 8 Tempos depois, o meu principal interlocutor em campo, Alberto Francisco do Carmo, físico e um dos veteranos da ufologia no Brasil, confessou-me em seu apartamento em Santa Maria – Distrito Federal, que havia também sido procurado por agentes a mando de Bigelow e que com eles se correspondera por certo período. Foi também Alberto que me informou que a busca de Bigelow malograra. Mais tarde, ouvi o mesmo relato de outros interlocutores.
- 9 *
- 10 Em meados de 1977 os moradores de uma vila localizada no nordeste do Pará, precisamente na região do Salgado, passaram a reportar para as autoridades locais ataques de luzes que na época nomearam de “Chupa-Chupa”. Tais luzes agiam como uma espécie de foco de luz que procurava a vítima onde estivesse – em casa, no barco ou na lavoura – e atacava-a, deixando-a totalmente paralisada. Em 2012, quando estive em Colares, Hilberto Freitas, ufólogo e radialista local confidenciou-me que as luzes eram parte de um experimento extraterrestre, tal qual os humanos fazem com os animais, daí a necessidade de coletar amostras de sangue.

- 11 Quanto ao evento, segundo me contaram os moradores da Ilha que vivenciaram a experiência, ela em muito diferia das situações de encontro que os habitantes de Colares normalmente narravam com criaturas não humanas e que via de regra podem ser dissipados com algumas fórmulas de natureza mágica. O que ocorreu na vila Paraense fugiu totalmente dos padrões antecipados e chegou a chamar a atenção da imprensa da capital, que não só registrou o pânico da população da Ilha –, como fotografou os emissores das luzes atacantes.
- 12 Instada pelo prefeito, uma comitiva de militares da aeronáutica se deslocou para a localidade e, depois de meses de investigação, a operação foi encerrada. Ocorre que entre 1977 e 1997 circulou nos meios ufológicos a notícia de que os militares tinham tido contato com as luzes e isto ocorria porque partes do seu relatório haviam sido vazadas por algum dos membros da operação. Tratavam-se de trechos do documento que tinham uma organização muito precária e de algumas fotos numeradas, mas que foram suficientes para alimentar o desejo dos ufólogos por mais informação.
- 13 Vinte anos depois dos ataques das luzes chupa-chupa na vila amazônica, portanto, em 1997, o editor e o co-editor da maior revista ufológica do país - a revista UFO - viajaram até Cabo Frio com o intuito de entrevistar o Coronel Uyrangê Hollanda, comandante daquela operação que, uma vez reformado, estava disposto a revelar os seus meandros. Na entrevista o militar confessou que não só viu as luzes, como teve contato direto com elas. Também informou aos ufólogos que, além das fotos que já possuíam, fizera mais de 16 horas de filmagens. Com a publicização das informações por aquele que comandara a Operação Prato, o caso converteu-se em um evento que concentrava a atenção dos pesquisadores e chegou a ser apelidado de o “O Caso Roswell Brasileiro”. Pouco tempo depois que a entrevista foi publicada, Uyrangê foi encontrado morto em sua casa. Consta que se enforcara usando o seguinte método: atara a corda de seu roupão a uma cadeira.
- 14 Nas conversas com os ufólogos, alguns indivíduos manifestavam desconfiança de que Uyrangê pudesse ter sido silenciado pelo governo. Em seu apartamento em Porto Alegre, Ronaldo (pseudônimo) interpretou a situação do seguinte modo:
- Então ficou meio Vladimir Herzog. O cara se enforca com as pernas assim? O cara se enforca sentado no chão? Eu não sou legista, mas eu acho que existe um instinto da pessoa. Chega uma hora... Por isto que os caras se enforcam sem nada embaixo. Tu dá um chute na cadeira e aí não tem como voltar atrás. Agora o cara tá ali sentado no chão. O que vai fazer? Vai fazer assim? Ele vai puxar pra fazer isto. Eu, sinceramente, pra mim aquilo é a coisa mais falsa que eu já vi. Não sei como uma pessoa vai se enforca daquele jeito, amarrado na cama. Pra mim é o Vladimir Herzog. Mas como a gente não tem como provar, fica por isto mesmo. Mas eu sempre desconfiei daquilo. (Entrevista com Ronaldo)
- 15 *
- 16 A noção de acobertamento é uma categoria mobilizada muito frequentemente pelos ufólogos (Almeida 2015). O termo pode apontar para dois significados distintos, mas ambos se referem a uma intencionalidade oculta por trás dos relatos ufológicos. Na primeira versão, sugere-se que os relatos sobre objetos voadores não identificados podem ser uma cortina de fumaça para esconder operações militares ou armas secretas de origem terráquea. Assim, caso uma aeronave militar secreta seja avistada, melhor propagar a informação de que esta se tratava de uma nave extraterrestre, do que revelar o segredo militar. Esta versão, necessariamente, implica na negação da origem extraterrestres dos discos.

- 17 Na segunda, é também o Estado o agente acobertador, mas a sua ação visaria preservar não segredos militares, mas segredos extraterrestres. As especulações que os ufólogos fazem sobre os motivos para a manutenção do acobertamento variam muito, mas reconheci pelo menos três argumentos principais: a) efeito “Orson Welles” – a divulgação das informações sobre objetos voadores não identificados geraria pânico na população; b) exposição da fragilidade do sistema de defesa humano e c) aliança entre extraterrestres e governos: os governos fariam vistas grossas para os casos de abdução e os extraterrestres forneceriam tecnologia que os permitiriam se destacar em relação a outros países. É o que me confidenciou Marcelo Escobar, ufólogo brasileiro, servidor público aposentado do Banco Central e membro da Entidade Brasileira de Estudos Extraterrestres, a EBE-ET:

E já teve casos de pessoas que disseram – pessoas de diversos lugares, que não se conhecem – dizendo a mesma coisa na regressão da memória. Dizendo que foram levadas – não para dentro de uma nave – mas para um base secreta subterrânea e dizendo que lá tinham homens iguais a nós vestidos com uniforme das forças armadas norte americanas trabalhando junto com os Ets, os Greys. Então isto faz desconfiar que pode até haver um conchavo do governo americano e dos governos poderosos com Ets. Para transferência de tecnologia dos extraterrestres para eles e em troca eles dariam alguma coisa. Digamos assim, compactuar e fazer vista grossa para os avistamentos. Para os avistamentos, não, para as abduções. (Entrevista – Marcelo Escobar)

18 *

- 19 Ubirajara Franco Rodrigues foi um dos primeiros ufólogos que conheci. Advogado, natural de Varginha - MG, Ubirajara foi à época do incidente ocorrido em 1996 envolvendo o relato da captura pelo exército de uma criatura extraterrestre naquela cidade, o principal ufólogo investigador. No livro intitulado “O caso Varginha” o pesquisador fez um minucioso relato do seu processo de pesquisa e nele trouxe fartas informações sobre as testemunhas que entrevistou. Ainda em 2010, quando escrevia o projeto de doutorado, eu o procurei e Ubirajara prometeu receber-me – o que veio a cumprir no final do ano seguinte. Antes enviou-me pelo correio o seu último livro, intitulado “A desconstrução de um mito”. A visão aí não era aquela de um pesquisador que procura descobrir a verdade dos fatos, mas de um intérprete que submetia a própria prática, da qual ele era um dos mais ilustres representantes, a interpretações sociológicas e psicológicas.
- 20 O nome de Ubirajara viria a aparecer quatro anos depois. Durante os intervalos entre as palestras do II Fórum Mundial de Contatados em 2014, ao descer a escada que me levaria ao hall do Centro de Convenções onde se instalara o congresso, notei uma aglomeração de pessoas ao redor de um pesquisador ufológico de prestígio. O último ocupava uma mesa dedicada aos autógrafos dos seus livros e à venda de produtos ufológicos. Tratava-se, portanto, de uma daquelas ocasiões nas quais um pesquisador com reputação em um campo inicia uma conversa com algum interessado e outros, ao notarem que se trata de uma figura importante, acumulam-se no pequeno espaço entre os dois interlocutores. Posicionei-me tal qual os demais atraídos pela conversa e pus-me a ouvir o que investigador tinha a dizer. Rapidamente me dei conta de que ele palestrava sobre os meandros do caso do “ET de Varginha”. Contava sobre o envolvimento do pesquisador mineiro no referido caso, comentava sobre a qualidade da sua investigação do episódio, mas apontava que recentemente, por ocasião da divulgação de documentos pelo Exército, ele e outros membros da comunidade

ufológica passaram a desconfiar de que o principal ufólogo responsável pela investigação do caso fora coagido a não mais se pronunciar sobre a questão. A passagem acima ocorreu no início de 2014, no último congresso ufológico que frequentei como parte do trabalho de campo. Entretanto, ela se repetiu com alguma regularidade durante o curso da pesquisa: argumentava-se que o ufólogo mineiro possivelmente fora silenciado e, por isso, havia mudado de posição. Ubirajara, por seu turno, havia publicado um manifesto em que negou veementemente qualquer participação em tramas envolvendo o acobertamento.

21 *

22 No início de dezembro de 2017, o Prof. Agobar Peixoto, ufólogo cearense e figura proeminente nas mídias locais quando o assunto são os discos voadores, convocou uma reunião do grupo ufológico que lidera por meio de sua página no Facebook. Desta vez conseguira reserva no Centro Cultural Belchior, para onde me dirigi no dia 02/12/17. Cheguei relativamente adiantado e lá encontrei apenas um dos frequentadores das reuniões. Tratava-se de um senhor de sessenta anos ou mais, que sentado na frente do auditório, queixava-se de uma forte dor causada pelos efeitos da Chikungunya no corpo. Logo o espaço começou a encher e veio cumprimentar-lhe um amigo, com quem o referido senhor também dividiu as suas queixas. A conversa então passou a gravitar sobre o tema dos vírus e da sua grande disseminação e foi encerrada pelo amigo do meu interlocutor do seguinte modo: “Não gosto destas coisas de conspiração, mas tudo isso foi criado. A Aids foi criada em laboratório.”

23 A ideia de que o HIV foi uma doença deliberadamente criada e disseminada é prevalente em outros contextos. Leslie Butt (2005) conta-nos que em Papua (Indonésia), vigora a teoria segundo a qual mulheres “infectadas com o HIV foram introduzidas em Papua como parte de um programa indonésio com o objetivo de eliminar os povos indígenas da província que é rica em recursos”. (Brut 2005:412)

24 *

25 As histórias narradas poderiam ter sido completadas por muito outras, ouvidas, lidas, compartilhadas em encontros ufológicos e nos grupos dos quais participei. Em face de outras, elas são até muito ordinárias se comparadas às tramas envolvendo diferentes raças alienígenas, “o governo oculto”, os Illuminati, a Nova Ordem Mundial, os Reptilianos e as abduções seguidas da extração de material reprodutivo e da formação de seres híbridos. Tratei destes temas em outros momentos e nas ocasiões em que o fiz, o que me interessava era o problema antropológico da crença, a noção de “pragmática do segredo” e, fundamentalmente, as relações dos ufólogos com a ciência.

26 Todos estes temas talvez possam também ser lidos sob a luz da noção de “teorias da conspiração”, muito embora, para os ufólogos esta categoria seja *um modo acusatório* de conceituar a sua atividade. Ainda assim, talvez possamos acompanhar Jodi Dean em sua apreciação sobre a ufologia. De acordo com ela, a “Ufologia, então, seria uma versão de padrões culturais mais amplos de suspeita, conspiração e desconfiança” (Dean 1998:17) Talvez ela tenha razão, mas o *estatuto ontológico* dos seres descritos pelos interessados em discos voadores não pode ser reduzido à ideia de uma cultura da conspiração.

27 Ainda assim, para pensá-las talvez valha a pena acompanhar o trabalho de Michael Barkun intitulado “A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America (Barkun 2003). Barkun comenta que “uma cosmovisão conspiracionista implica em um universo governado por intencionalidades e não por aleatoriedade” (Barkun

2003:3) Desta feita, nas narrativas tecidas pelos teóricos da conspiração “nada acontece por acidente” (ibidem:3), “nada é o que parece” (ibidem:4) e “tudo está conectado” (idem:4). De acordo com Barkun:

A conspiração e o segredo estão indissociavelmente associados. Ainda assim, as crenças conspiratórias permitem-nos distinguir duas formas de segredo. Uma que está associada ao grupo em si; e outra que envolve as atividades do grupo. Um grupo pode ser secreto ou conhecido por todos e suas atividades podem ser abertas ou escondidas. (Barkun 2003:4)

- 28 Já Jaron Harambam e Stef Aupers, ao pensarem os processos de construção das referidas teorias no contexto holandês, a partir de entrevistas com indivíduos associados a diferentes coletivos, pontuam que o mecanismo mobilizado por elas é homólogo àquele vigente em certos estilos de ciências sociais – especialmente aquelas tradições que não se sentiram obrigadas a se reformularem a partir das críticas à representação que vicejaram após a década de 60 - , pois do mesmo modo que eles, se prestam a desvelar o que resta oculto por trás dos discursos oficiais.
- 29 São também Harambam e Aupers os autores que me alertaram para a dificuldade de se escrever sobre as teorias da conspiração, seja para analisá-las, seja para contrariá-las, pois “a evidência contra uma alegada conspiração é no fim das contas vista por aqueles que a ela aderiram como evidência a favor da conspiração” (Harambam Aupers, 2015:3) Desta forma, como se pode intuir, a maior dificuldade ao escrever um artigo sobre a teorias da conspiração é que os argumentos nele contidos podem servir a interpretações que os tomem eles mesmos como parte de uma trama conspiratória. Nesse sentido, o objeto do trabalho pode terminar se voltando contra o analista, fazendo dele não um autor propriamente dito, mas um indivíduo contratado para criar rumores, um agente da desinformação ou contrainformação, aquele jogo que de acordo com Roy Wagner opera da seguinte maneira: "Ela trabalha com o princípio do vazamento: verdades parciais vazadas para contar mentiras deliberadas, e mentiras deliberadas vazadas para contar verdades parciais." (Wagner 2000:362)
- 30 Se considerarmos a noção de contrainformação seriamente, a própria expressão "teorias da conspiração" é ante aos olhos daqueles que delas fazem uso, artifício que mira produzir o engodo. Pois, aos olhos de quem as constrói, tais teorias são mais do que arranjos explicativos mirabolantes. Para os que as professam, as teorias da conspiração têm status de fatos. Outras vezes, são montagens cujo estatuto precário e demandante de maiores explicações é conhecido, mas esta precariedade é suficiente para que se continue o trabalho de conectar estórias. Neste caso, a ausência de elos para dar molde completo ao programa conspiracional indica a presença de um resto que não foi revelado. Conforme nota Kathleen Stewart, “as teorias da conspiração são uma prática cética, paranoica e obsessiva de procura de sinais e de peneiramento de evidências que levem ao elo faltante”. (Stewart 1999:14) Ainda segundo ela, nas teorias da conspiração “[q]uanto mais você sabe, menos você sabe” (Stewart 1999:13)
- 31 Quando falamos em teorias da conspiração não nos referimos a um conjunto capaz de ser estabelecido de uma vez, isto é, a algo análogo a um *corpus dogmático*. Pois é próprio aos que delas se servem valerem-se de remendos, extensões de seu alcance interpretativo ou da adição de novos atores na trama. Conforme aponta Susan Lepselter, as teorias da conspiração “encontram rachaduras na ordem das coisas, para então se encaixarem nas rachaduras e moldá-las com as ressonâncias de outras histórias”. (Lepselter 2016:43)

- 32 Aqui a figura do *whistleblower*, do agente vazador, é essencial. No caso dos agentes vazadores, o seu depoimento quase sempre é feito ao modo de uma confissão. Mas esta nunca é suficiente para dar o caso como encerrado, uma vez que o agente vazador - militar ou civil - quando fala não só confessa, como sugere que a sua palavra demanda outras confissões. Além do mais, sempre se coloca o problema de saber se o vazador não é ele mesmo, agente da desinformação, o que, se descoberto, alimenta novamente a trama da conspiração.
- 33 As teorias da conspiração ganham vida nos rumores, estes elementos que se caracterizam pela sua pequenez e a sua distância das versões oficiais. Estes, ainda que depois possam se converter em fatos concretos, a sua situação hodierna - a sua situação enquanto rumores - é a incerteza. A potência dos rumores, contudo, não depende de sua confirmação. Os rumores são como rastros deixados por histórias - as narrativas sobre peças de aeronaves perdidas, as suspeitas levantadas contra as Forças Armadas - e seu alcance e potencial construtivo ou destrutivo, estão antes ligados ao fato de que alguém os coloque em movimento. A partir de então os rumores associam-se a outros pedaços de histórias e podem resultar em uma teoria que encontre uma intencionalidade oculta em uma miríade de casos, eventos, falas, fotografias e discursos que antes de serem reunidos estavam aparentemente desconexos.
- 34 Vale notar que as teorias da conspiração funcionam como tipo de "hábito de pensamento", como uma rota conhecida para a interpretação do contemporâneo, como um modo de estar no mundo. Como colocam Harambam e Aupers “as teorias da conspiração se tornaram um idioma cada vez mais normalizado para interpretar fenômenos aparentemente inexplicáveis na sociedade contemporânea.” (Harambam Aupers 2015:1)
- 35 Por isso, embora assim chamadas, elas são mais que teorias. Isto é, elas são uma estilística contemporânea, um modo de conhecer que dá mostras em roteiros de filmes, em romances, em programas televisivos e outros tantos meios. A atenção que despertam resulta do fato de fornecerem a aquele que as mobiliza uma versão alternativa e pretensamente mais inteligente de uma conjuntura.
- 36 As teorias da conspiração seguem melhores carreiras em áreas que já as abrigam há algum tempo. Os assassinatos políticos aparentemente banais; as panes em aeronaves; as substâncias presentes em alimentos produzidos em processos industriais; o campo das socialidades formadas em torno de extraterrestres; o aquecimento global; as viagens espaciais. O seu valor está em tornar o mundo mais ambíguo, mas este exercício certamente encerra algumas contradições.
- 37 Quero terminar apontando para um ponto importante que diz respeito à relação entre as “teorias da conspiração” e o debate político contemporâneo, isto é, ao papel cada vez maior que estes conjuntos de narrativas parecem ter nas esferas públicas das ditas democracias representativas. Volto a trazer à baila a obra da cientista política Jodi Dean, quem nota que “[a] política em si deve ser agora teorizada a partir da dispersão da paranóia... [...] Na medida em que os seus praticantes podem conectar fenômenos distintos para encontrar padrões de negação, oclusão, manipulação, as teorias da conspiração, longe de serem uma designação para loucos lunáticos, podem muito bem ser um veículo para a contestação política”. (Dean 1998:8)
- 38 Contestação política que, de acordo com Harambam e Aupers (2015), critica o dogmatismo da ciência, aponta para as suas determinações políticas e sociais - num

exercício homólogo àquele empreendido pelos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia – e questiona a autoridade dos experts. Mas ao fazê-lo também pode dar força a argumentos como aqueles adotados pelos negacionistas das mudanças climáticas e outros indivíduos identificados por pautas abertamente conservadoras, terminando assim por contribuir não para um suposto ideal de algo como uma “democracia epistêmica” (Fuller 2016), mas para um futuro mais distópico ainda do que aquele no qual já vivemos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Rafael Antunes. 2015. “Objetos intangíveis”: ufologia, ciência e segredo. Brasília: Tese de doutorado em Antropologia Social, UNB.
- BARKUN, Michael. 2003. *A culture of conspiracy: apocalyptic visions in contemporary America*. Berkley: University of California Press.
- BRUT, Leslie. 2005. “Lipstick Girls” and “Fallen Women”: AIDS and Conspirational Thinking in PAPUA, Indonesia.’ *Cultural Anthropology* v.20, n. 3: 412-442.
- CLIFFORD, James. 2014. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- DEAN, Jodi. 1998. *Conspiracy Cultures from outerspaces to cyberspace*. New York: Cornell University Press.
- FULLER, Stephen. 2018. *Embrace the Inner Fox: Post-truth as the STS Symmetry Principle Universalized*. Disponível em <https://social-epistemology.com/2016/12/25/embrace-the-inner-fox-post-truth-as-the-sts-symmetry-principle-universalized-steve-fuller/#comments>. Acesado em 19 de Fevereiro de 2018
- HARAMBAM, Jaron; AUPERS, Stef. 2015. “Contesting epistemic authority: Conspiracy theories on the boundaries of science” *Public Understanding of Science* v. 24, n. 4: 466-480
- LAW, John; MOL, Annemarie. (2002) Introduction. In. MOL, Annemarie; LAW, John (orgs.) *Complexities: social studies of knowledge practices*. Durham and London: Duke University Press.
- LEPSELTTER, Susan. 2016. *The resonance of unseen things: Poetics, Power, Captivity and UFOs in the American Uncanny*. Michigan: Univeristy of Michigan Press.
- STEWART, Kathleen. *Conspiray Theory’s Worlds*. In. MARCUS, George. *Paranoia within reason: a casebook on conspiracy as explanation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999
- WAGNER, Roy. 2000. “Our very own cargo cult”. *Oceania* n.70: 362-372.

NOTAS

1. Este texto corresponde a uma versão ampliada do trabalho apresentado na Mesa Redonda “Panoramas da Antropologia Contemporânea” - I Semana de Antropologia da

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ocorrida em 21/02/2018.

AUTOR

RAFAEL ANTUNES ALMEIDA

Doutorado (Antropologia Social) – UNB. Professor Adjunto – Departamento de Antropologia
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail :
almeida.rafaelantunes@gmail.com